

ECONOMIA

QUINTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 1998

US\$ 6 trilhões em dívidas

■ América Latina e Rússia fazem disparar endividamento externo de países emergentes

BLOOMBERG NEWS

A dívida externa dos países emergentes – dos tigres asiáticos à América Latina – subiu 12%, atingindo um recorde de US\$ 6 trilhões em 1997. A alta foi provocada principalmente pelos ganhos maiores oferecidos pelos bônus globais de países latinos e pela securitização das dívidas da Rússia, que fez parte do pacote de renegociação do país com autoridades multilaterais de crédito e credores. O total dos débitos rolados efetivamente em 1997 foi de US\$ 5,915 trilhões, frente aos US\$ 5,3 trilhões rolados em 1996. Os dados são da Associação dos Investidores em Mercados Emergentes.

“O mundo está vendo uma chuva de novos papéis, que aumentou o volume do endividamento”, disse Joyce Chang, gerente de pesquisa de mercado da Merrill Lynch de Nova Iorque. A dívida externa nova dos países emergentes saiu de um patamar de US\$ 5 bilhões por ano, há

dez anos, para o volume atual, segundo especialistas, por conta da transformação dos créditos antigos de países em dificuldade em novos bônus Brady e mercados financeiros mais livres. As mudanças acabaram facilitando a ida de um grande número de países aos mercados internacionais para pedir empréstimos.

As negociações com eurobônus cresceram nada menos que 135% em 1997, atingindo US\$ 568 bilhões. Só no último trimestre, em pleno efeito da crise asiática, o volume de papéis negociados foi de US\$ 419 bilhões. Ainda que respondida por 40% dos negócios com papéis, as renegociações com bônus Brady caíram 11% ano passado, para US\$ 2,4 trilhões. O fenômeno foi causado pelos próprios países endividados. Eles recomproum muitos *bradies* em 1997. Estas operações tiraram do mercado US\$ 19 bilhões.

Convergência – Curiosamente, do outro lado – a ponta dos países desenvolvidos –, está havendo uma convergência histórica. Não importa

qual o país industrializado que está lançando bônus por estes dias porque estão todos pagando praticamente as mesmas taxas de juros, por volta de 5%. De Canberra a Paris e Washington, os governos estão vendendo bônus de 10 anos de vencimento com juros que pagam cerca de 5% ao ano. O Canadá acaba de fazer uma emissão com vencimento em 2007 pagando 5,51%. A Bélgica fez um lançamento para dez anos e vai pagar 5,07%, enquanto as taxas da Irlanda serão de 5,17%, praticamente o mesmo de países como Itália, Espanha ou Suécia.

“Há realmente um fenômeno histórico ocorrendo aqui”, disse Roger Kubarych, chefe de investimento da Kaufman & Kubarych Advisors e ex-presidente da Bolsa de Nova Iorque. “A diferença entre as maiores taxas oferecidas pelos países desenvolvidos e as menores taxas é a menor em décadas”.

Otimismo – Esta convergência explica, em boa parte, porque investidores da Europa, América do

Norte e Ásia, que respondem por mais de 50% da produção mundial de bens e serviços, estão mais otimistas agora, poucos meses depois do colapso das moedas asiáticas e a maior queda mundial dos mercados desde a grande derrubada de 1987. Agora, em vez de acumularem prejuízos, os mercados dos EUA e Europa voltam a crescer, ajudando a minimizar as perdas provocadas nos pregões da Ásia.

■ O déficit acumulado pela balança comercial brasileira no mês de fevereiro sofreu ligeira redução da segunda para a terceira semana, caindo de US\$ 186 para US\$ 170 milhões, em consequência do superávit comercial de US\$ 16 milhões registrado na semana passada. O volume de comércio contabilizado até agora atingiu US\$ 3,132 bilhões em exportações, com média diária de US\$ 208,8 milhões; e US\$ 3,302 bilhões em importações, com média diária de 220,1 milhões.